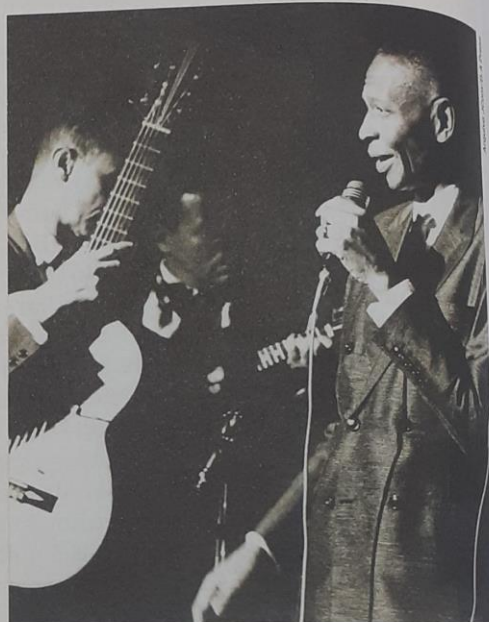


▼ O cantor e compositor Wilson Batista, 1955.



▼ Ataulfo Alves em apresentação na década de 1960.

Leia com atenção as versões de um samba dos compositores Ataulfo Alves e Wilson Batista, antes e depois de serem examinadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão do governo de Getúlio Vargas encarregado de censurar programas de rádio, filmes, jornais, revistas, músicas.

O bonde de São Januário

(Primeira versão)

Quem trabalha não tem razão
 Eu digo e não tenho medo de errar
 O bonde São Januário
 Leva mais um sócio otário
 Sou eu que não vou trabalhar

O bonde de São Januário

(Segunda versão)

Quem trabalha é quem tem razão
 Eu digo e não tenho medo de errar
 O bonde São Januário
 Leva mais um operário
 Sou eu que vou trabalhar

BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. *Nos tempos de Getúlio: da revolução de 30 ao fim do Estado Novo*. São Paulo: Atual, 1990. p. 43. (História em documentos). O bonde de São Januário (Ataulfo Alves/Wilson Batista) © 1958 by Todamérica Edições Ltda./ADDAF

- » O que diferencia uma versão da outra?
- » É possível saber o “conselho” dado aos sambistas na segunda versão?
- » Interprete. Com que intenção o DIP alterou a letra da música?

No Brasil da Primeira República, a insatisfação com o domínio das oligarquias e a desigualdade social eram grandes e motivaram uma série de protestos, greves, rebeliões e levantes.

O movimento tenentista

Nos anos 1920, um grupo de militares liderado por capitães e tenentes do Exército recorreu às armas para expressar seu descontentamento com o tratamento que as oligarquias davam às Forças Armadas e, ao fazê-lo, expressou também a insatisfação de parcelas da população com a situação política do país. Esse movimento chamado de tenentismo tinha objetivos amplos: defender os interesses nacionais e moralizar a política do país combatendo a corrupção eleitoral.

Os 18 do Forte

A primeira revolta tenentista está relacionada ao **caso das cartas falsas** envolvendo o candidato do governo à presidência da República, Arthur Bernardes. Em 9 de outubro de 1921, o jornal carioca, *Correio da Manhã*, publicou cartas atribuídas a Arthur Bernardes, que chamavam os militares de “venais” e o presidente do Clube Militar, Hermes da Fonseca, de “sargento sem compostura”. Bernardes negou ser o autor das cartas, e de fato elas eram falsas, mas os militares exigiram que ele retirasse sua candidatura. Bernardes, porém, manteve sua candidatura e venceu as eleições. ▣ 1

A tensão entre os militares e o governo aumentou ainda mais quando os primeiros protestaram contra o envio, pelo governo, de tropas do Exército para intervir na política pernambucana. O governo reagiu fechando o Clube Militar e mandando prender Hermes da Fonseca.

Era o que faltava para o início do levante. Em 5 de julho de 1922, cerca de 300 militares pegaram em armas, em quartéis do Rio de Janeiro e do Mato Grosso. Mas diante da repressão do governo, a maioria dos rebeldes se rendeu; 17 deles, porém, decidiram resistir e saíram por uma avenida do bairro de Copacabana dispostos a tudo. No caminho, receberam a adesão de um civil. Era a **Revolta do Forte de Copacabana**. Baleados por tropas do governo, apenas dois escaparam com vida: os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes. ▣ 2



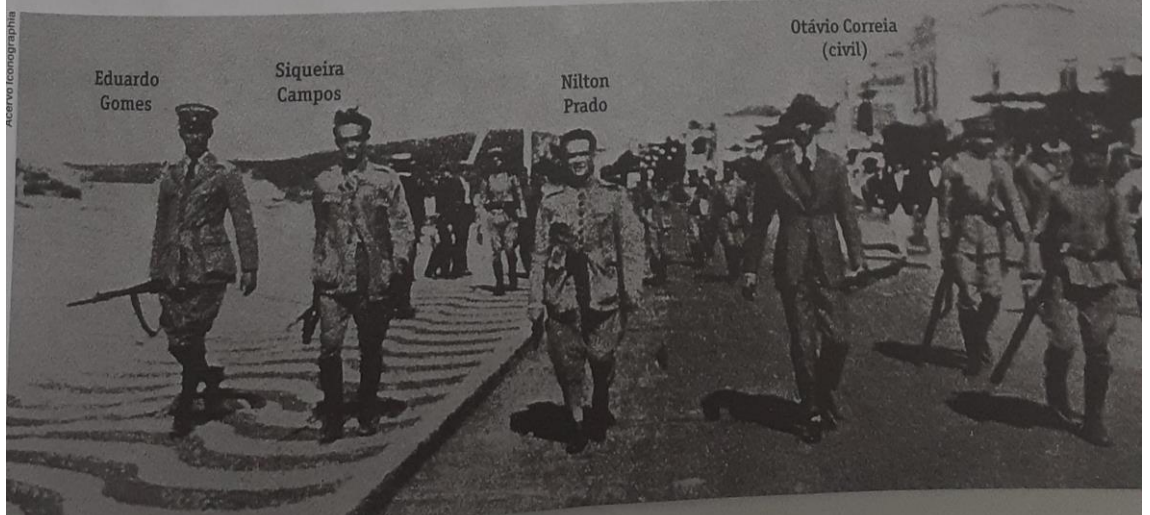
1. Dica! Programa sobre a história do Forte de Copacabana. [Duração: 12 minutos.]
Acesse: <<http://tub.im/q6d9td>>.

2. Dica! Programa que revisita a Revolta dos 18 do Forte, apoiado na fala de historiadores. [Duração: 25 minutos.]
Acesse: <<http://tub.im/deu9an>>.

DIALOGANDO

A Revolta dos 18 do Forte foi um movimento revolucionário ou um levante? Justifique.

Envolta num clima de heroísmo, a Revolta dos 18 do Forte tornou público o movimento tenentista e marcou a volta dos militares à cena política. Além disso, documentou a animosidade entre os militares e os políticos civis.



DIALOGANDO

Considerando o Brasil atual, o objetivo tenentista de melhoria do ensino público foi alcançado? Se a resposta for negativa, o que é necessário para que isso ocorra?

Luís Carlos Prestes é o terceiro da esquerda para a direita (sentado). O lenço que ele traz no pescoço é indício de que se tratava de um rio-grandense. O lema dos rebeldes era "marchando engrossaremos a coluna". Mas isso não aconteceu. Fotografia de 1924, no Paraná.

O segundo 5 de julho

Alguns participantes do levante foram processados e sabiam que, em caso de condenação, seriam expulsos do Exército; outros foram transferidos para guarnições distantes. A ameaça de expulsão e a transferência exaltaram os ânimos, o que ajuda a explicar por que, em 1924, no mesmo dia e mês do primeiro, explodiu em São Paulo o segundo levante tenentista. Dessa vez, liderado pelo general reformado Isidoro Dias Lopes e pelo major Miguel Costa, da Força Pública de São Paulo.

Colocando-se como árbitros dos problemas nacionais, os tenentes tinham agora objetivos mais definidos: a deposição de Arthur Bernardes, a adoção do voto secreto, a obrigatoriedade do ensino primário e a melhoria do ensino público e da Justiça gratuita.

Quase ao mesmo tempo, eclodiram levantes tenentistas em Mato Grosso, Sergipe, Amazonas, Pará e, meses depois, no Rio Grande do Sul. Dispondo de forças mais numerosas e do apoio da aviação militar, o governo saiu vitorioso. Os tenentes, porém, não se deram por vencidos: parte das tropas de São Paulo formou a **coluna paulista** e rumou em direção a Foz do Iguaçu, no Paraná, onde se uniu à **coluna gaúcha**, formada por remanescentes dos levantes tenentistas do Rio Grande do Sul.

A Coluna Prestes

Da junção da coluna paulista, liderada pelo major Miguel Costa, com a coluna gaúcha, liderada por Luís Carlos Prestes, ocorrida em abril de 1925, nasceu a lendária **Coluna Prestes**. Com o objetivo de propagar sua revolta contra a República Oligárquica, a Coluna Prestes marchou cerca de 25 mil quilômetros através de 12 estados brasileiros (na época, o Brasil tinha 20 estados). Essa enorme distância foi percorrida basicamente a cavalo ou a pé.



Veja o mapa.
Adotando a guerra de movimento contra adversários superiores em número e armamento, a Coluna Prestes manteve-se invicta. Depois da difícil travessia da Bahia, já bastante enfraquecida e reduzida a 600 homens, a coluna deixou o Brasil em março de 1927, buscando refúgio na Bolívia e no Paraguai. □

Dica! Documentário sobre a presença da Coluna Prestes no interior da Bahia. [Duração: 24 minutos.]. Dividido em três partes. Para a primeira parte, acesse: <<http://tub.im/vawoaw>>.

A Coluna Prestes evitou sistematicamente as cidades grandes, as ferrovias e as melhores estradas de rodagem. Ao longo da marcha, o ânimo dos combatentes esmoreceu; no entanto, ela passou à história como símbolo da indignação nacional com a política oligárquica. Luís Carlos Prestes, um de seus principais líderes, ficou conhecido como Cavaleiro da Esperança.



Fonte: CAMPOS, F. de; DOLHNIKOFF, M. *Atlas de História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1997. p. 47.

0 Movimento/Revolução de 1930

Operários, industriais e camadas médias urbanas também se encontravam insatisfeitos com a política excludente da Primeira República. O operariado havia lutado incansavelmente por melhores condições de trabalho, mas não obtivera ganhos significativos; as camadas médias urbanas encontravam sérias dificuldades para manter um nível de vida razoável por causa da inflação; os industriais, por sua vez, reclamavam que o governo protegia a agricultura em prejuízo da indústria.

As **oligarquias dissidentes** também tinham motivos para estar insatisfeitas: eram constantemente vencidas nas eleições por meio da fraude e da violência. Isso foi o que ocorreu, por exemplo, nas eleições presidenciais de 1910, 1914 e 1922. Até mesmo em São Paulo houve uma cisão no seio das oligarquias; em 1926, em oposição ao poderoso PRP, surgiu, no estado, o Partido Democrático (PD), presidido pelo rico fazendeiro e industrial Antônio Prado. Um dos principais pontos do programa do PD era a adoção do voto secreto.

A cena política esquentou ainda mais quando Washington Luís, que tinha sido indicado pela oligarquia de São Paulo, propôs o paulista Júlio Prestes para sucedê-lo na presidência da República.

Oligarquias dissidentes: grupos da oligarquia que se opunham às oligarquias dominantes.

DIALOGANDO

O cartaz abaixo foi lançado pelo Partido Democrático (PD), liderado pelo rico fazendeiro Antonio Prado, nas eleições de 1930. Observe-o com atenção.

- Descreva-o.
- O que ele critica?



Com esse programa político, os comícios de Vargas atraíam multidões e sua campanha ganhava as ruas.

Em plena campanha eleitoral, a quebra da Bolsa de Nova York, marco inicial da Grande Depressão, atingiu em cheio o Brasil, ocasionando uma queda brusca nos preços do café, a ruína de muitos fazendeiros e o crescimento vertiginoso do desemprego. Os cafeicultores pediram, então, que Washington Luís os socorresse, como tinham feito outros presidentes. Ele, no entanto, recusou a ajuda, alegando a necessidade de conter gastos. Com isso perdeu, ao menos em parte, o apoio do setor cafeeiro, sua principal base de sustentação política.

Nas eleições de 1930, tanto a situação quanto a oposição praticaram a fraude eleitoral. Mas a vitória coube ao candidato do governo, Júlio Prestes.

Inconformados com a derrota, aliancistas e "ex-tenentes" começaram a conspirar contra o governo. Nesse meio-tempo, um fato inesperado precipitou os acontecimentos: João Pessoa, candidato ao cargo de vice-presidente na chapa de Vargas, foi assassinado por um rival na política da Paraíba. Tirando proveito da grande comoção popular causada pelo crime, Getúlio Vargas e seus companheiros partiram do Rio Grande do Sul em direção ao Rio de Janeiro dispostos a tomar o poder.


Liderada pelo então governador de Minas, Antônio Carlos, que esperava ser escolhido para a sucessão presidencial, a oligarquia mineira reagiu e, aliando-se a políticos do Rio Grande do Sul e da Paraíba, formou a **Aliança Liberal** para disputar as eleições de 1930. A Aliança Liberal (MG, RS, PB) lançou candidatos próprios: o gaúcho Getúlio Vargas para presidente e o paraibano João Pessoa para vice.

Vargas procurou unir os vários grupos insatisfeitos com a política reinante. À frente da Aliança Liberal, ele defendia:

- » o voto secreto e a Justiça Eleitoral;
- » o atendimento às reivindicações dos operários;
- » a anistia irrestrita, com o que esperava atrair os tenentes.



Registro da saída de Getúlio Vargas e sua comitiva em direção ao Rio de Janeiro. Porto Alegre (RS), outubro de 1930.

Sob o comando do “tenente” Juarez Távora, tropas deixaram o norte do país e também rumaram para o Rio de Janeiro. No entanto, antes que as forças do Sul chegassem ao Rio de Janeiro, uma junta militar, formada pelos generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e o almirante Isaías de Noronha, depôs Washington Luís e, dias depois, entregou o poder a Getúlio Vargas. 



Dica! Biografia política de Getúlio Vargas em que sua ascensão ao poder em 1930 é interpretada como uma revolução. [Duração: 10 minutos.].
Acesse: <<http://tub.im/ew2vhd>>.

Para refletir

Revolução de 30: quem a fez?

Para vários historiadores, como Boris Fausto, o movimento de 1930 foi uma **disputa de poder entre diferentes grupos oligárquicos**, que acabou com a vitória das oligarquias de Minas, Rio Grande do Sul e parte das oligarquias da região hoje chamada Nordeste (Paraíba, por exemplo). Portanto, para esse historiador, o que ocorreu em 1930 foi uma revolução feita por grupos oligárquicos que queriam mais poder no Estado e, assim, inauguraram um período de transformações importantes para o país.

Já outros historiadores, como Edgard De Decca, discordam disso. De Decca afirma que o que aconteceu em 1930 foi um **golpe** dos setores urbano-industriais e tenentes de classe média contra o operariado. Diz também que a ideia de que em 1930 houve uma revolução é uma “invenção” dos vencedores; isto é, de Getúlio Vargas e seus aliados. Para os vencidos, ou seja, para o operariado, a disputa pelo poder já tinha sido definida em 1928, quando o movimento operário foi esmagado. Para esse historiador, ocorreu o controle da classe operária.

Independentemente de uma versão ou de outra, o episódio ocorrido em 1930 se transformou em um importante marco da história do Brasil, sendo conhecido como “Revolução de 1930”.

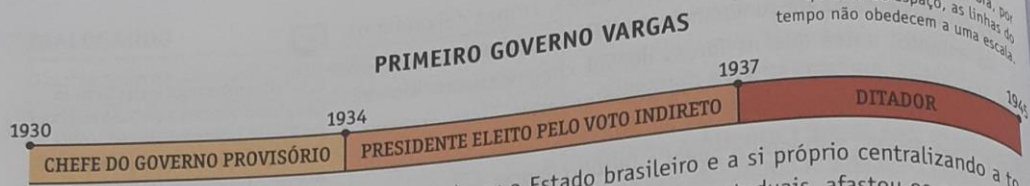
- Como o historiador Boris Fausto vê o episódio que levou Vargas ao poder em 1930? Explique.
- Como o historiador Edgard De Decca vê esse mesmo episódio?
- Em dupla.** Debatam, reflitam e respondam: qual das duas versões vocês consideram mais convincente?

Vargas foi chefe de um Governo Provisório (1930-1934), presidente eleito pelo voto dos deputados da Assembleia Nacional Constituinte (1934-1937) e ditador do Estado Novo (1937-1945).

O primeiro governo Vargas

Assumindo em 1930, Getúlio Vargas ficou à frente do Estado brasileiro por 15 anos consecutivos, durante os quais atuou como chefe do Governo Provisório; depois, como presidente eleito pela Assembleia Nacional Constituinte; e, por fim, como ditador.

Observação: Nesta obra, por questão de espaço, as linhas do tempo não obedecem a uma escala.



No poder, Getúlio Vargas procurou fortalecer o Estado brasileiro e a si próprio centralizando a tomada de decisões. Inicialmente, visando enfraquecer as oligarquias estaduais, afastou os governadores e, em seu lugar, nomeou interventores de sua confiança: a Bahia foi entregue a Juracy Magalhães; boa parte do Nordeste passou ao controle de Juarez Távora (que, por isso, foi apelidado de vice-rei do Norte); São Paulo passou às mãos do pernambucano João Alberto.

A oposição paulista

A nomeação de um **não paulista** para interventor em São Paulo desagradou profundamente as elites paulistas, agrupadas nos dois principais partidos de São Paulo: o PRP, que havia perdido o poder em 1930, e o PD que, embora tivesse apoiado Vargas, não tinha conseguido espaço no seu governo. Diante disso, as lideranças desses partidos se uniram para formar a **Frente Única Paulista (FUP)**, que pleiteava a constitucionalização do país e a nomeação de um interventor **civil e paulista** para o governo de São Paulo.

Pressionado, Getúlio Vargas atendeu os paulistas parcialmente: nomeou o civil e paulista Pedro de Toledo, interventor em São Paulo, mas exigiu que metade do seu secretariado e o comandante da Força Pública fossem indicados pelos tenentes, o que acabou intensificando as hostilidades entre Vargas e a FUP.

Foi quando uma tragédia precipitou os fatos: quatro estudantes (Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo) foram mortos a tiros pela polícia durante uma manifestação antigetulista no centro da capital paulista. As iniciais de seus nomes, MMDC, se tornaram sigla e símbolo do movimento liderado pela elite paulista. A grande imprensa, tendo à frente o jornal *O Estado de S. Paulo*, divulgava e incentivava o constitucionalismo. Afinal, em 9 de julho de 1932, estourou em São Paulo, sob a liderança do general Isidoro Dias Lopes e do civil Pedro de Toledo, o movimento armado conhecido como **Revolução Constitucionalista**, em São Paulo, e **Guerra Paulista**, nos outros estados do país.

Comício pela Constituinte na Praça da Sé, em São Paulo, 25 de janeiro de 1932. Essa multidão reunida no centro de São Paulo, no dia do aniversário da cidade, para ouvir comícios em favor da constitucionalização do país, ajudou-nos a perceber a força dessa ideia entre os paulistas na época.



O movimento paulista de 1932

O estado de São Paulo foi tomado por uma febre de alistamento: em questão de dias, dezenas de milhares de voluntários atenderam ao apelo do exército constitucionalista. Os voluntários eram, em sua maior parte, jovens de classe média, já que a maioria das lideranças operárias se negava a se engajar na luta.

Os industriais paulistas, por sua vez, entraram na guerra produzindo armas, munições, veículos blindados e aviões; enquanto isso, a campanha "Ouro para o bem de São Paulo" ganhava as ruas da capital bandeirante.

Dos estados brasileiros, em número de 20 na época, somente Mato Grosso enviou soldados e armas para ajudar o movimento paulista. Além disso, com o porto de Santos bloqueado pelo governo federal, os paulistas ficaram isolados na luta contra um adversário que possuía um número bem maior de soldados, canhões e aviões. O governo federal tinha mais navios; mais soldados, pois, vinham de vários estados do Brasil, especialmente do Norte; e maior poder de fogo. Embora vitorioso, o governo Vargas buscou o entendimento: nomeou o paulista Armando de Salles Oliveira como interventor em São Paulo e deu andamento à constitucionalização do país. O novo **Código Eleitoral de 1932**, concedia o direito de voto às mulheres e estabelecia o voto secreto. A primeira deputada brasileira foi a médica paulista Carlota Pereira de Queiroz, eleita para a Assembleia Nacional Constituinte de 1933. □



Embora tivesse conseguido arrecadar grande quantidade de ouro, a campanha "Ouro para o bem de São Paulo" foi inútil, pois o governo federal bloqueou o porto de Santos, local por onde entrariam as armas importadas. A luta se prolongou por três meses, causando a morte de milhares de pessoas. Cartaz de 1932.



Dica! Documentário sobre o movimento paulista de 1932. [Duração: 55 minutos].
Acesse: <<http://tub.im/rpef9g>>.

Para saber mais

O texto a seguir é da professora Rachel Soibet, leia-o com atenção:

O feminismo na Primeira República

As aspirações das mulheres brasileiras mudaram significativamente a partir de fins do século XIX, com o advento da República. [...] Na verdade, havia na sociedade brasileira em geral, e entre autoridades e políticos em particular, forte oposição às reivindicações das mulheres [...]

É nesse ambiente que a feminista Bertha Lutz, ao retornar da Europa em 1918 – após uma estada na Inglaterra e na França, onde cursou Biologia na Sorbonne –, dará início a sua campanha pela emancipação feminista. [...] Rapidamente, Bertha Lutz conse-



▼ Bertha Lutz em campanha pelo voto feminino, c. 1928.

guiu agregar um grupo de mulheres que pensavam como ela. [...]. Bertha e suas companheiras organizaram-se em associações, fazem pronunciamentos públicos, escrevem artigos e concedem entrevistas aos jornais. Buscam o apoio de lideranças e da opinião pública e procuram pressionar parlamentares, autoridades políticas, educacionais e ligadas à imprensa. [...]

[...] Bertha – apesar da multiplicidade de atividades que conseguiu empreender, abrindo várias frentes de luta –, a conquista do voto mereceu sua prioridade. Acreditava, de acordo com o espírito dominante na época, que o acesso aos direitos políticos era essencial à obtenção de garantias com base na lei. [...].

Em 1932, o Brasil finalmente ganhou um novo Código Eleitoral. Com o Decreto 21.076, de 24 de fevereiro de 1932, estabeleceu-se no país o voto secreto e o voto feminino. Com isso, o Brasil tornou-se o segundo país da América Latina (depois do Equador) a estender às mulheres o direito de voto; nisso também foi pioneiro com relação a países da Europa tidos, em outros aspectos, como mais desenvolvidos, como França e Itália.

Faltava agora a incorporação desse princípio à Constituição que só seria votada em 1934. [...]. Graças às pressões feministas, e coroando uma luta de décadas, o sufrágio feminino foi finalmente garantido, com a inclusão do artigo 108 na Constituição de 1934.

SOIBET, Rachel. Movimento de mulheres. PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 218-226.

A Constituição de 1934

A Assembleia Nacional Constituinte debateu e promulgou uma nova Constituição para o país.

Promulgada em 16 de julho de 1934, a nova Constituição assemelhava-se à de 1891: definia o Brasil como República Federativa, conservava a separação e a autonomia dos três poderes e estabelecia eleições diretas.

Quanto às inovações, cabe destacar:

- » a representação classista (uma parte dos deputados devia ser escolhida por associações profissionais de empregados e de empregadores);
- » voto secreto: o que dificultava bastante a prática da corrupção eleitoral, tão comum nas décadas anteriores;
- » voto feminino: ganhando o direito de voto, as mulheres passaram a ter importância cada vez maior na política;
- » Justiça Eleitoral: tinha como objetivo zelar pelas eleições;
- » ensino primário gratuito, de frequência obrigatória;
- » nacionalização de minas, jazidas minerais e quedas-d'água, julgadas essenciais ao país, ou seja, a propriedade das riquezas do subsolo era da União;
- » criação da Justiça do Trabalho;
- » direitos trabalhistas: foram reconhecidos direitos como jornada de trabalho de 8 horas,

descanso semanal remunerado, indenização por dispensa sem justa causa, proteção ao trabalho do menor e da mulher, férias anuais remuneradas, estabilidade à gestante etc. Além disso, a nova Constituição previa que, excepcionalmente, a próxima eleição presidencial seria indireta. O presidente eleito pelos constituintes em 1934 foi Getúlio Vargas.

O governo constitucional

Nos anos 1930, a polarização ideológica que opunha os nazifascistas aos comunistas, na Europa, chegou ao Brasil e, entre nós, deu origem a duas agremiações políticas rivais: o integralismo, de inspiração fascista, e o aliancismo, de inspiração comunista.

O integralismo

O integralismo foi um movimento político brasileiro anticomunista, que defendia o nacionalismo extremo e o predomínio dos interesses do Estado sobre os do indivíduo.

Em 1932, os integralistas, liderados pelo escritor e jornalista Plínio Salgado (1895-1975), fundaram em São Paulo a **Ação Integralista Brasileira** (AIB), uma organização política que tinha por lema “Deus, Pátria e Família” e por símbolo o sigma maiúsculo (Σ), décima oitava letra do alfabeto grego, utilizada na matemática para indicar somatória.

Alguns teóricos do integralismo, como o dirigente da AIB, Gustavo Barroso, eram radicalmente antisemitas e culpavam os judeus pelo atraso do Brasil.

Os integralistas eram em geral funcionários públicos ou membros do clero, do empresariado e, em menor escala, do alto escalão das Forças Armadas. Segundo estimativas ponderadas, a AIB chegou a possuir por volta de 100 mil filiados e mais de mil núcleos espalhados pelo país.

O aliancismo

Em oposição à Ação Integralista Brasileira, foi fundada, em 1935, a **Aliança Nacional Libertadora** (ANL), uma frente popular liderada pelo Partido Comunista Brasileiro, que tinha como presidente de honra o ex-capitão Luís Carlos Prestes, homem de

Comício da Aliança Nacional Libertadora (ANL) na Cinelândia (Praça Marechal Floriano Peixoto), na cidade do Rio de Janeiro, 1935.



▼ Ao centro, de bigode, vê-se o líder integralista Plínio Salgado. Nacionalistas extremados, os integralistas saudavam-se mutuamente, erguendo o braço verticalmente e gritando *Anauê*, expressão tupi que quer dizer “você é meu parente”. Nos comícios e cerimônias, usavam camisa verde e braçadeira no braço esquerdo com o símbolo integralista. Eram conhecidos como “camisas verdes”. Fotografia de c. 1930.





Dica! *O Velho – A história de Luiz Carlos Prestes*, documentário de Toni Venturi (Brasil, 1997). [Duração: 104 minutos.]

confiança do PC soviético no Brasil. Os principais pontos do programa da ANL eram o não pagamento da dívida externa; a nacionalização das empresas estrangeiras; a reforma agrária; a liberdade de expressão e pensamento; o atendimento às demandas dos trabalhadores. □

O levante comunista de 1935

Em 5 de julho de 1935, data de aniversário dos levantes tenentistas, Luís Carlos Prestes lançou um manifesto incitando a população a derrubar o governo Vargas. Este reagiu colocando a ANL na ilegalidade e ordenando o fechamento de suas sedes em todo o Brasil. Os aliancistas partiram, então, para o confronto. Em novembro de 1935, batalhões de Natal, Recife e Rio de Janeiro pegaram em armas contra o governo. Na época, este levante comunista foi chamado de Intentona, palavra empregada no sentido de “intento louco, plano insensato”. A repressão aos rebeldes foi dura e resultou em várias mortes de militares e civis.

Durante a repressão, o governo decretou estado de sítio e prendeu milhares de opositores: militares, jornalistas, funcionários públicos, professores e escritores, a exemplo do alagoano Graciliano Ramos, além de comunistas vindos do exterior para participar do levante de 1935, como a alemã Olga Benário (que se tornaria esposa de Prestes).

A luta contra o comunismo colaborou para unir os oficiais das Forças Armadas em torno do golpe que vinha sendo preparado por Vargas.

